

Documento 1

Almada sob ameaça de pedregulhos MEDO DOMINA ZONA TURÍSTICA

Correio da Manhã 9/1/2007
(JOÃO SARAMAGO)



ÚLTIMA DERROCADA CRIOU NUVEM DE PÓ NA ZONA DE OLHO DE BOI

PEDRO CATARINO

«A última derrocada de terras e pedregulhos da arriba de Almada relançou o medo entre moradores e comerciantes do passeio ribeirinho entre o Ginjal e o Olho de Boi, em Cacilhas. "Seriam umas dez horas da manhã de 26 de Dezembro quando um pedregulho enorme veio por ali baixo, até bem perto das casas", disse Susana Bourscheidt, empregada do Restaurante Atira-te ao Rio.

"Foi um susto enorme para toda a gente. Depois do estrondo, levantou-se em toda esta zona junto dos restaurantes uma nuvem de pó", acrescentou.

"Já não é a primeira vez que acontece", disse, por sua vez, André Machado, do restaurante Ponto Final. "Com as chuvas é frequente acontecerem as derrocadas. Em 2005, caíram dois pedregulhos

junto do elevador panorâmico e há um outro nas escadas, com cerca de meio metro de altura", acrescentou.

Segundo dados da Protecção Civil, verificam-se deslizamentos de terras perigosos desde 1999, sem que, no entanto, se tenham verificado até hoje danos pessoais ou materiais graves. A última derrocada partiu da base do Forte de Almada, mas não colocou esta estrutura em perigo, pelo que o edifício, onde fica o quartel da GNR, foi entretanto reaberto.

Em Abril de 2003, o Instituto de Conservação da Natureza (ICN) decidiu intervir com "carácter de urgência" na consolidação da arriba. A obra não foi feita e, entretanto, o ICN deixou de querer a tutela da arriba.

ANDRÉ MACHADO | Restaurante Ponto Final
"PEDRAS CAEM NOS TELHADOS"

"São frequentes as quedas de pedras durante o período das chuvas, contudo, até hoje, nada foi feito para resolver este problema. Para nós, que trabalhamos ou vivemos aqui, junto do Rio Tejo, fica complicado sempre que ocorre uma derrocada. Sobretudo, quando ouvimos o barulho de pedras que caem sobre os telhados, tememos o pior".

SUSANA BOURSCHIEDT | Restaurante Atira-te ao Rio
"DESLIZAMENTO ATINGE ESPLANADA"

"É lamentável que o Ginjal, classificado como zona turística e com um elevador panorâmico, tenha sido deixado ao abandono pelas autoridades. Nas derrocadas, por vezes as pedras caem sobre a esplanada e nada é feito. Outro problema é a iluminação pública. Estragou-se. Resultado: as pessoas têm medo de vir à noite ao restaurante". »

Documento 2

Dunas da Costa de Caparica resistem ao avanço do mar

Diário de Notícias 10/12/200 (Cláudia Monteiro – Almada)



«O Instituto da Água (INAG) começa hoje a intervenção para reforçar as dunas das praias de São João, na Costa de Caparica, em Almada. Este primeiro dia será de "reconhecimento do local e abertura de acessos para as máquinas", explicou ontem ao DN João Costa, engenheiro do INAG.

Depois de ter resistido ao pico de maré da madrugada de ontem o cordão dunar entre o parque de campismo do INATEL e a praia do Paraíso, contou na preia-mar das 17.30 com a ajuda do vento e ondulação de três metros, bem longe dos seis previstos, para resistir ao avanço do mar.

Para a próxima quinta-feira espera-se novo momento crítico, mas até lá decorrerá o "reforço das traseiras do cordão dunar com areia", a solução "técnica e ambientalmente mais adequada", à semelhança do que aconteceu em 2003, esclareceu ontem, no local, a vice-presidente do INAG, Luísa Branco.

A curiosidade levou ao local cerca de uma centena de pessoas ao final da tarde de ontem, onde se encontravam também cerca de 30 elementos da Polícia Marítima, Protecção Civil Municipal e GNR.

A situação encontra-se agora estabilizada e para os próximos dias é esperada ondulação de três metros. No entanto ainda se chegou a temer o pior: que o mar destruísse completamente as dunas e entrasse no acacial, podendo mesmo atingir o parque de campismo do INATEL.

Receios que não intimidaram os campistas. Isaurinda e Eduardo Silva confessaram ao DN não temer que o mar chegasse ao parque, até porque esta "não é uma situação nova, repetindo-se todos os anos", embora confesse que "se tem vindo a agravar".

(...) Mais preocupado estava José Torres, que há um ano explora o Bar do Búzio, apoio de praia que na última semana viu parte das dunas que o sustentam desaparecer, bem como a passadeira que o ligava à praia, agora pendurada no ar. "Acredito que a situação não se agravará, mas terá de haver uma intervenção rápida, como colocação de pedras ou areia para que o bar não caia", afiançou o proprietário. Sobre este assunto, o INAG disse ainda não saber se essa zona sofrerá alguma intervenção.

Apesar de o balanço final ser melhor do que o esperado, uma semana foi o suficiente para o cordão dunar perder 16 metros. Longe vão os tempos em que a praia "tinha 600 metros de dunas" e em que se "queimavam os pés só para chegar à água", recorda Vítor Pereira, frequentador da praia.

Autarca diz que reclama intervenção há anos

"Andamos há anos a pedir uma intervenção séria para as praias de São João", mas o INAG alega sempre falta de verbas, afirma António Neves, presidente da Junta da Costa de Caparica. O avanço do mar nesta zona não é recente, mas a falta de intervenção ao longo dos anos resultou na actual situação. "Pode não haver verbas, mas tem de haver prioridades, porque a Costa, além de estância balnear, é também uma cidade", contesta o autarca. Em 2003, depois de ocorrer uma situação semelhante, foram colocadas pedras nas zonas mais afectadas, entre os parques de campismo do Clube de Campistas de Lisboa e do INATEL. Em 2004 e 2005 foram feitas reparações nos esporões, mas a zona agora mais atingida, entre o parque de campismo do INATEL e a praia do Paraíso, nunca chegou a ser intervencionada, não existindo enrocamento ou outro tipo de protecção dunar nessa zona, até porque o Plano de Ordenamento da Orla Costeira Sintra-Sado não o permite, esclarece João Costa, do INAG.»

Documento 3

Águas de Múltiplas Cores Serpentearam pelo Oeste

Jornal Público 25/11/2006 (ANA FERNANDES)



«De blazer aos quadradinhos e gravata às riscas verdes, um homem tenta atravessar a rua submersa calçado apenas com frágeis sapatos de vela. Pisa a água como se ela escaldasse, lançando os pés para trás como um bailarino. Na berma daquela rua de Torres Vedras, encapuzado e munido de umas reconfortantes galochas, José Luciano troça da cena: "Eh, eh, eh! É doutorzinho."»

No concelho de Torres Vedras, assim como nos vizinhos **Lourinhã** e Bombarral, a água escorre com uma paleta de cores que recorda a sua passagem por férteis campos ou ruas imundas. A sua passagem esboroa terras, isola casas, prega partidas aos automóveis e transborda rios. Nas estradas, a sensação é de um mundo que se derrete e desmorona, como figuras de gelo ao sol.

O que não é o caso, porque o astro nem se vislumbra. Antes uma inquietante escuridão, corporizada em lençóis de chuva que descarregam, em poucos minutos, toneladas de água. Quando amainam, o vento junta-se à destruição, pondo tudo em estado de sítio.

Logo de manhã, a **Lourinhã** viu a sua vida complicar-se. Na Avenida de Moçambique e na rotunda que dá acesso à estrada que vai para o Bombarral, a água tomou conta do local, atrapalhando tudo e todos, não pela sua extensão, mas pelo local estratégico que escolheu para assentar: o centro da vila e um nó nevrálgico em termos de acesso. O rio Grande, ali ao lado, segue tumultuoso e conquistador. A correr, são enviadas retroescavadoras para a sua embocadura, junto à praia da Areia Branca. O objectivo é alargar o seu caminho para que corra para o mar, um trabalho "que deviam ter feito no Verão, mas prontos...", comenta um curioso.

Cenário inédito? Nem por isso, "ainda em 2001 tivemos uma coisa semelhante", diz António Leal, enquanto aprecia as movimentações dentro de água. Porque as há, algumas mesmo inusitadas. Com água até à cintura, três pessoas atravessam o imenso mar barrento, vindas de colocar as "coisas no escritório a salvo".

(...) Por todo o lado sé vêem carros de bombeiros a tirar pessoas de casas ameaçadas ou a ajudar automobilistas surpreendidos. Por baixo dos pés dos atarefados voluntários, um ratinho tenta sair das águas. Cai derreado ao lado dos socorristas.

Nestes concelhos do Oeste, os pais foram buscar os filhos à escola. "O presidente da Câmara do Bombarral não quer pessoas a circular pelas ruas durante a tarde ", esclarece um bombeiro. Em Torres Vedras, o autarca activou o plano de emergência às 14H00, receando que a cheia acabasse por vir a tomar-se uma realidade como quando o Sizandro, em 1983, galgou as margens; Mas a meio da tarde, a desastre estava circunscrito a algumas ruas.»

Documento 4

ÁREA DE PAISAGEM PROTEGIDA DA ARRIBA FÓSSIL DA COSTA DE CAPARICA

por J. Pais (UNL) in Geologia de Verão 2002 – Ciência Viva (Guia de excursão)

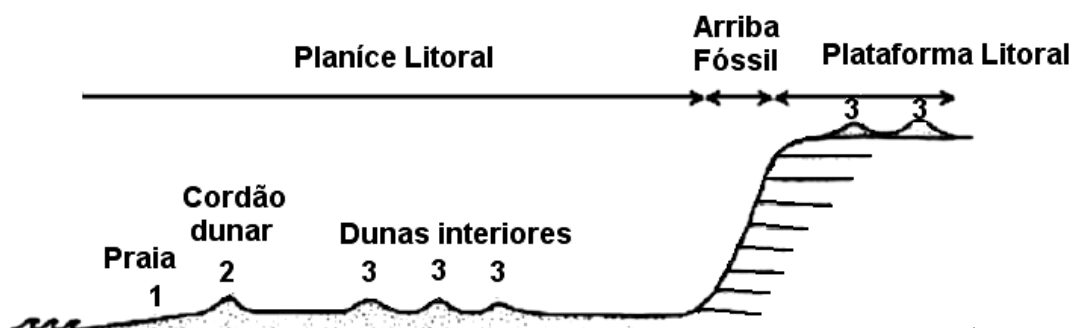
«(...) A partir daí (**fossilização da arriba**) a arriba ficou sujeita aos agentes erosivos continentais: chuva, vento, gravidade que abriram barrancos e modelaram o relevo até então batido pelas vagas do oceano. A estas acções veio juntar-se a acção antrópica. Logo após o surgimento da planície litoral instalaram-se comunidades de pescadores. A pouco e pouco as pequenas aldeias foram-se transformando. Em 1950 o povoamento humano da área era ainda diminuto. A atracção da grande cidade, a procura e a necessidade de espaços propícios e baratos para habitação, bem como a construção de segundas habitações destinadas a lazer, levou ao crescimento rápido dos aglomerados urbanos periféricos de Lisboa.

A Caparica, a Charneca e a Fonte da Telha não foram excepção. Compare-se a densidade do povoamento urbano entre aquela data e 1989. Muitas das edificações foram feitas clandestinamente não respeitando nada nem ninguém. Foram feitas terraplanagens, cortou-se a base de taludes, entulharam-se linhas de água. O aumento de população levou a um aumento das vias de comunicação (estradas, caminhos) que facilitaram ainda mais o acesso a toda a região. O facto da arriba ter uma posição sobranceira ao oceano fez com que o topo dela fosse local procurado para a instalação de moradias, a maioria clandestinas, mas a que o poder central não se opôs com força suficiente. Actualmente, o alto da arriba, na área compreendida entre a Costa de Caparica e a Descida das Vacas, transformou-se numa pequena cidade. Até o exército instalou quartéis e depósitos de munições em diversos pontos da arriba.

No verão, o movimento de pessoas e viaturas é extraordinariamente intenso. Aos residentes normais juntam-se os familiares, amigos e outros veraneantes que tornam a Costa de Caparica e áreas vizinhas numa grande metrópole sem ter as infra-estruturas necessárias para tal. Fazem-se acampamentos por todo o lado, deixa-se lixo amontoado indiscriminadamente, percorrem-se as dunas em todas as direcções, a pé ou, ainda pior, com viaturas (motos, jeeps) todo o terreno; vão-se abrindo veredas e caminhos que destroem a vegetação, perturbam a vida de animais, facilitam a erosão e o acesso a locais ainda eventualmente pouco conhecidos. Os riscos de incêndio são largamente acrescidos.

A decisão de destruir as segundas habitações da área da Fonte da Telha, ainda que bem intencionada, foi, quanto a nós, mal pensada. Foram destruídas muitas residências mas ficaram outras, muitas vezes isoladas, bem como restos de muros e de paredes dando à Fonte da Telha o aspecto de terra bombardeada. No fundo nada mudou.

(...) De toda área protegida apenas o sector da parte alta da arriba, compreendido entre a Fonte da Telha e a Lagoa de Albufeira, se mantém pouco alterado e perturbado por não dispor de acessos fáceis. Esperemos que se mantenha assim.»



Perfil geomorfológico esquemático do litoral (Costa da Caparica)